



SEGURANÇA DOS PACIENTES NO ÂMBITO DA ENFERMAGEM

Cuidados e procedimentos para mitigar os riscos no ambiente clínico.



2

SUMÁRIO

3

INTRODUÇÃO

5

REDUÇÃO DE INFECÇÕES E LESÕES:

O papel da higienização e do manejo correto de materiais – e do próprio paciente.

9

IDENTIFICAÇÃO E COMUNICAÇÃO:

Como a classificação dos pacientes e o compartilhamento de informações reduzem as falhas.

12

PACIENTE E FAMILIARES:

Como aliá-los aos processos de segurança.

14

CONCLUSÃO

16

SOBRE O SECAD



INTRODUÇÃO



Os erros humanos são uma das principais causas de óbito em hospitais ao redor do mundo. Só no Brasil, erros médicos, incluindo negligência ou algum incidente no hospital, responderam por 300 mil mortes em 2016, segundo [pesquisa](#) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre as causas dos óbitos no ambiente clínico, apenas as doenças cardíacas superam os erros humanos. Mais do que urgente, portanto, mitigar esse tipo de evento.

A participação dos enfermeiros nesse sentido pode ser fundamental. É que, em geral, os erros humanos no ambiente hospitalar incluem administração incorreta de medicamentos, falhas em cirurgias, mau uso de dispositivos, infecções e queda do paciente. Os danos podem ser temporários ou permanentes e desencadeiam impactos físicos, psicológicos e emocionais.

Neste e-book, o Secad elucida alguns dos procedimentos de segurança aplicados na rotina dos profissionais de enfermagem. As recomendações estão embasadas nas [diretrizes da Organização Mundial de Saúde](#) (OMS). Dinâmico e objetivo, o conteúdo segue o padrão de qualidade dos programas de atualização do Secad e tem a missão de contribuir para a atuação prática dos enfermeiros.

Boa leitura!



REDUÇÃO DE INFECÇÕES E LESÕES

O papel da higienização e do manejo correto de materiais e do próprio paciente.



A contribuição dos enfermeiros para a diminuir os erros humanos se inicia no respeito a algumas normas básicas. O primeiro item é a higienização das mãos – afinal, as mãos são o principal meio de contato dos enfermeiros e se constituem numa via de transmissão de microorganismos.

A priori, o procedimento parece prosaico, mas engloba uma [série de técnicas](#) e exerce um papel vital na segurança do paciente. Os profissionais devem realizá-lo nas seguintes situações:



- antes e após o contato com o paciente;
- antes e após a realização de assepsia;
- após o contato com o mobiliário e equipamentos;
- após o contato com material biológico.

Vale ressaltar: o uso de luvas não elimina a necessidade de higienização das mãos.



Outro ponto importante diz respeito aos catéteres e sondas. Um [artigo](#) da Rede Brasileira de Enfermagem e Segurança do Paciente (Rebraensp), publicado em 2017, listou alguns dos principais eventos adversos detectados em UTIs.

A saída não planejada de sondas para a aporte nutricional representou 20% das ocorrências. Além disso, a infusão em vias erradas – com a troca entre sondas enterais e catéteres intravenosos – também é um erro frequente. Para evitar esses problemas, verifique os dispositivos antes da administração de medicamentos e soluções. Uma das técnicas é a identificação de cada dos cateteres por cores diferentes.

O estudo da Rebraensp também encontrou uma forte incidência de úlceras por pressão (29,5%) e de lesões na pele (27,1%). Por isso, o profissional deve zelar pela limpeza permanente da pele do paciente.





A movimentação do enfermo também está entre as [condutas](#) mais importantes. Existem técnicas de transferência da cama/maca para cadeira que reduzem a chance de trauma ou feridas por fricção. Já a mudança de decúbito pode ser feita a cada duas horas – caso não haja contraindicação do médico.



O enfermeiro também precisa estar atento ao ambiente próximo ao paciente, com o intuito de minorar o risco de quedas. A complexidade dos cuidados varia conforme a autonomia de movimento do indivíduo. Em geral, o profissional deve eliminar obstáculos e objetos no chão, ajustar medicamentos que causam tontura ou fraqueza e garantir a presença constante de um acompanhante ao paciente, entre outras medidas.



IDENTIFICAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Como a classificação dos pacientes e o compartilhamento de informações reduzem as falhas.



A administração incorreta de medicamentos ou a descontinuação de procedimentos são eventos diretamente atrelados a falhas de identificação e comunicação. Ambos os fatores devem estar no radar dos profissionais de enfermagem, pois podem acarretar danos graves aos pacientes.

Os cuidados com a identificação, por exemplo, começam na entrada do enfermo no serviço de saúde. Aqui, o intuito é garantir o pleno reconhecimento do indivíduo por parte da equipe de trabalho. Alguns procedimentos precisam ser levados em conta nessa etapa. O cadastro de admissão deve ser claro e legível. Um dos pontos importantes é a diferenciação de pessoas com nomes idênticos ou semelhantes que estejam no mesmo quarto. Essa é uma das principais causas de troca de medicamentos, exames e até procedimentos cirúrgicos.





Os nomes estrangeiros e as datas de nascimento também são itens que pedem atenção. Recomenda-se a colocação de pulseiras de identificação em todos os pacientes, contendo nome completo, data de nascimento, filiação e número de prontuário. Essas informações devem ser checadas pelos enfermeiros antes da realização de qualquer procedimento.



Além da identificação, a comunicação entre os enfermeiros é vital para a redução de falhas. O trabalho em um ambiente clínico costuma incluir diversos profissionais, divididos por especialidades ou turnos.

O ponto crítico para a ocorrência de falhas é exatamente a [troca de plantões](#). Para evitar esse problema, o ideal é a aferição leito a leito em conjunto pelas equipes – a que deixa o plantão e a que o assume. Os enfermeiros devem evitar atrasos e distrações nesse momento – como uso de celular e conversas paralelas. Os quadros e painéis informativos e a elaboração de relatórios gravados ou escritos também podem ser soluções eficazes.



PACIENTE E FAMILIARES

Como aliá-los aos processos de segurança.



Paciente e seus familiares são os mais interessados em eliminar os erros médicos. Assim, os enfermeiros podem vê-los como aliados, pois a participação desses indivíduos já é reconhecida como [componente fundamental](#) para o gerenciamento de riscos nos serviços de saúde.

Cabe aos profissionais, contudo, a tarefa de disponibilizar meios capazes de incluí-los e envolvê-los no processo, oferecendo o maior grau de autonomia possível no que tange ao entendimento da terapêutica e do quadro clínico.

A primeira medida é informar o paciente e os acompanhantes sobre cuidados, alertas e procedimentos.

Entre outras condutas, o profissional pode permitir o acesso deles ao prontuário médico, dissipando qualquer dúvida sobre as prescrições e anotações. Os itens de prevenção relacionados à segurança do paciente – como identificação, higiene e prevenção de infecções – também entram na lista.

Muitas vezes, o acompanhante atua como os “olhos” do enfermeiro quando este fica distante do paciente. O monitoramento não vale apenas ao ambiente clínico, mas se estende ao tratamento realizado em casa. As orientações, nessa fase, incluem a revisão da lista de remédios e posologia, além de precauções quanto a restrições, interação medicamentosa e tempo de resguardo a ser observado.

Do mesmo modo, o paciente e os familiares podem trazer informações acerca do histórico médico, dos costumes e sintomas percebidos antes da chegada ao serviço de saúde.



CONCLUSÃO



A segurança do paciente é uma responsabilidade administrativas da unidade de saúde e requer uma abordagem sistêmica. Os profissionais de enfermagem também podem colaborar nesse item, estimulando a criação de comitês dedicados ao tema. Em 2014, o Ministério da Saúde (MS) implantou os [Núcleos de Segurança do Paciente](#) (NSP), que têm a função de promover a prevenção de incidentes por meio de uma integração de diversas práticas e setores. Até o final de 2017, o MS já havia registrado quase 2.400 NSPs no país.

Outro passo interessante é o investimento na atualização dos enfermeiros. Com a evolução de procedimentos e tecnologias, os profissionais são cada vez mais desafiados pelas exigências do mercado. Uma das melhores soluções disponíveis na atualidade são os programas de qualificação. O Secad, por exemplo, oferece diversas opções para o setor de saúde, com conteúdos elaborados por especialistas e pautados pela aplicação prática.



SOBRE O SECAD



SOBRE O SECAD

O Sistema de Educação Continuada a Distância (Secad) é um modelo de programas de atualização profissional que permite o acesso a conteúdos de diversas especialidades. Os módulos, desenvolvidos por autores renomados e vinculados a instituições científicas, são organizados em ciclos de 12 meses e divididos em quatro volumes impressos – entregues trimestralmente, via correio, aos participantes inscritos. Além disso, os materiais também podem ser acessados online.

Ao fim do ciclo, o profissional pode fazer uma avaliação virtual e, se obtiver aprovação, recebe um certificado chancelado pela sociedade de classe parceira do Secad.

Lançado em 2002, o Secad é gerido pela Artmed Panamericana – uma parceria entre a Artmed Editora, do Brasil, e a Editorial Médica Panamericana, da Argentina. Desde a criação, a plataforma já acumula mais de 500 mil inscrições nos seus 40 programas de atualização em Saúde, disponibilizados nas áreas de Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Psicologia, Nutrição e Veterinária.